

humanitas

Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

RECORDAÇÕES DE NOVA IORQUE:

TEATRO GREGO

No domingo, 18 de Outubro de 1959, em uma das várias redes de televisão de Nova Iorque, vi a *Medeia* de Robinson Jeffers com Judith Henderson na protagonista. Representação cheia de «pathos» trágico.

Na sexta-feira, 30 de Outubro de 1959, o Professor Richard Haywood levou-me a assistir a uma discussão sobre *Sophoclean Drama* em Hunter College High School, realizada pelos finalistas de liceus que têm grego no seu currículo.

Foi uma sessão de grande dignidade intelectual.

Usou primeiro da palavra uma senhora cheia de juventude de espírito e humorismo humanístico, a Professora E. Adelaide Hahn, que se referiu ao interesse cultural das Humanidades Clássicas, ao apoio que lhes estava a ser dado pelo Ministério da Educação Nacional (pois há nos Estados Unidos falta de professores de Grego e de Latim) e à boa formação classicista dos alunos das escolas católicas.

O Rev. Joseph Marique, S.J., organizador da sessão, agradeceu em breves termos e elogiou o contributo dos três mestres que deram a sua colaboração ao acontecimento: a Professora Pearl Wilson, de Hunter College; o Professor Moses Hadas, de Columbia University; e o Professor Richard Haywood, de New York University.

Seguidamente, quatro rapazes de toga preta — como a dos «scholars» de Oxford — leram admiravelmente a cena da «anagnorisis» do *Rei Édipo* de Sófocles, na tradução de J. T. Sheppard, cujo texto polycopiado fora previamente distribuído à assistência.

Cada um dos quatro tinha o seu papel a representar por meio da leitura e de gestos sóbrios de declamação : Édipo, o Pastor de Corinto, Jocasta, o Coro. Seriedade completa: nem sequer os sorrisos garotos dos meus tempos do quinto ano do liceu (e estes eram pouco mais velhos), quando líamos Gil Vicente, de modo parecido, na cadeira de Português-Latim.

Feita modelarmente a recitação, seguiu-se o interrogatório a que um grupo de sete rapazes respondeu. Sentados ao longo de uma mesa rectangular, com os respectivos nomes impressos em placas longitudinais voltadas para a assistência, os rapazes responderam assisadamente às perguntas dos inquiridores. E nem todas eram fáceis: a Prof.^a Pearl Wilson debateu o significado do drama. Os moços

helenistas mostraram conhecer não só o contexto e os seus problemas, mas igualmente a literatura de língua inglesa sobre a matéria (Bowra e Kitto, por exemplo, foram citados com frequência).

O Prof. Moses Hadas, muito conhecido pelas suas traduções de autores gregos, discutiu alguns pontos da versão inglesa empregada e fez perguntas de interpretação do texto grego: os rapazes tinham estudado os problemas de explicação do texto original e responderam satisfatoriamente. Para terminar, o Prof. Haywood pôs algumas questões difíceis e, finalmente, pediu ao grupo a leitura do coro grego — número que não estava previsto. O texto foi lido sem hesitações e com o sentimento do seu significado.

Na assistência, umas setenta a oitenta pessoas, entre as quais alguns adolescentes que fizeram perguntas sérias aos jovens letrados.

Regressei a casa com alguns dos meus preconceitos europeus sobre a América, bastante abalados.

Quinta-feira, 26 de Novembro de 1959, vi no Phoenix, um teatro fora da Broadway, a *Lysistrata* de Aristófanes, na tradução de Duddley Fitts. O bilhete custou \$4.60 em teatro que, a acreditar nos programas, não é explorado com fins lucrativos.

O vestuário dos actores, baseado em certas representações de vasos gregos, era ainda mais ousado que a tradução, e as personagens femininas mostravam liberalmente os seus encantos, bem evidentes.

Na primeira parte, a peça foi prejudicada pelo excesso de burlesco: muitos gestos e pouco texto. Depois do intervalo, a representação foi mais natural e agradou mais.

Bons actores e uma *Lysistrata* de categoria, mas em Portugal não seria possível representá-la assim nem a uma companhia de revista.

A 18 de Março de 1960, assisti a um espectáculo com a *Antígona* (1) de Sófocles, dada em tradução inglesa anónima, por uma companhia de teatro experimental, chamada Washington Players Studio.

No pequeno palco deste teatro de bolso, um dos muitos do Village, a porta do palácio real ficava a um canto e o espaço aproveitável era disposto em diversos planos que davam a ilusão de terreno ajardinado.

(1) A respeito de versões modernas deste tema, cf. A. C. R., «Actualidade do Teatro Grego Antigo» in *Studium Generale*, III, i (Porto, 1956), 209-38.

Aí se sentava um coro de doze figuras que mudavam de posição, com alguma frequência, mas sem perda de naturalidade, quebrando assim a monotonia da representação.

Bons a *Antígona* e o Creonte. O Coro, apesar do cuidado em variar as vozes, mudando de corifeu, foi prejudicado pela dureza da tradução.

No domingo, 1 de Maio de 1960, assisti no 54th Street Theatre a uma exibição da Companhia de Ballet de Martha Graham.

O tema é tirado da tragédia grega: *Clytemnestra*. Para assistir a este bailado, deixo de ver o *Rei Édipo* de Sófocles que está num outro teatro da Broadway.

Clytemnestra é uma poderosa evocação de toda a *Or estia*, feita pela rainha adúltera que no Hades continua a sua rebeldia.

Perante ela desfilam, evocando o drama da voluntariosa soberana, Helena, Páris, Ifigénia, Cassandra, Agamémnon, Egisto, Electra, Orestes, Atena, Apoio e as Fúrias, enfim todas as personagens da trilogia dramática.

A *Orestia* é contada em quatro partes, numa impressionante realização coreográfica, cheia de significado e rica de beleza plástica, por uma companhia que veio abrir caminhos novos ao bailado moderno.

Não é esta a única dança do repertório de Martha Graham em que se abordam temas gregos. Outros bailados da presente época são *Alcesteis*, sobre o argumento euripídiano, e *Night Journey* sobre Jocasta e a sua aventura dolorosa no ciclo tebano de Sófocles.

Transcrevo textualmente do manuscrito do meu *Diário Americano* a entrada relativa a «Domingo, 8 de Maio de 1960»: Ontem assisti a uma peça de teatro, escrita por um jovem de 24 anos, Jack Richardson, recém-licenciado da Columbia University, em Nova Iorque.

A peça está «off Broadway», mas, assim mesmo, o lugar numa das primeiras filas custou-me quatro dólares.

The Prodigal anda à volta do tema da *Orestia*: Orestes, arguto, espirituoso (por vezes, sarcástico), desprendido, indiferente, irónicamente desenraizado, é uma espécie de «beatnik» que por completo desdenha do seu ambiente e tradições, disposto a libertar-se do fardo da pesada herança familiar de sangue e vingança, pelo abandono voluntário de qualquer pretensão ao trono de Micenas. Mas a pressão dos humanos entre quem tem de viver, obriga-o finalmente a realizar o seu destino e nele a realizar-se.

Uma Cassandra que não morre no regresso de Tróia com Agamémnon, mas acompanha toda a acção até final, vivendo simultaneamente no presente e no futuro, graças aos seus conhecidos dons proféticos, faz, nesta peça moderna construída sobre o velho tema, subtilmente, o papel tradicional do Coro da tragédia antiga.

A *Orestia* que está, sob certos aspectos, tão próxima da moderna experiência de duas guerras e concomitantes ausências, esquecimentos, traições, parece exercer uma atracção especial sobre os artistas americanos. Ainda na semana passada vi a criação de ballet moderno *Clytemnestra*, pela companhia de Martha Graham. E não posso esquecer o mais famoso dos dramas americanos sobre o mesmo tema, *Mourning becomes Electra* (1) de Eugene O'Neill — trilogia cuja acção decorre depois da Guerra Civil Americana, em 1865-6, repartida por três peças: *Homecoming*, *The Hunted* e *The Haunted*.

Vi a 23 de Setembro de 1961, em The City Center of Music and Drama, o Piraikon Theatron, de Atenas, na *Electra* de Sófocles, e no dia 29 do mesmo mês, nas *Coéforas* e *Euménides* de Esquilo.

De novo, copio as notas do meu *Diário Americano*:

Impressionou-me mais a *Electra*, talvez por ver em acção técnicas dramáticas para mim desconhecidas. Hoje, nas *Coéforas* e *Euménides*, achei que os processos se repetiam.

O grande problema da representação moderna de teatro grego é a utilização do Coro. Os do Piraikon Theatron usam, segundo me pareceu, como regra, dois semi-coros de sete figuras femininas cada.

Os movimentos são discretos: sobretudo gestos estilizados (alguns dir-se-iam vindos das pinturas dos vasos gregos), que permitem ao Coro mudar de posição, evitar a monotonia, sem ter que movimentar-se muito sobre o palco.

O canto, usado com parcimónia, parece uma melopeia religiosa, quase oriental. Há na Sétima Avenida, por alturas da Rua 27, cafés gregos onde já ouvi canções e vi danças da Grécia Moderna. Daí poder afirmar que talvez haja qualquer coisa da tradição folclórica nas melodias

(1) *O Luto Convém a Electra*, em tradução à letra. Representada em Portugal com o nome de *Electra e os Fantasmas*, título bem achado, que, todavia, só cabe perfeitamente à terceira parte, *The Haunted*.

que discretamente sublinham certas partes do recitativo. A elocução do Coro é perfeita.

Nos momentos de declamação mais lenta, o grego moderno — língua pobre foneticamente em comparação com o grego antigo, em pronúncia erasmiana — o grego de hoje, não obstante a sua modéstia em valores vocálicos, quase se torna uma língua agradável ao ouvido.

Das três peças gregas, que conheço no original, pouco entendo. Estão vertidas em grego moderno (1).

Para a segunda sessão, *Coéforas* e *Euménides*, alugo um receptor com «transistors»: põe-se o auscultador no ouvido e capta-se uma tradução em inglês que acompanha o desenrolar da peça. O aparelho cabe na palma da mão e a altura da audição pode graduar-se.

A tradução inglesa é relativamente apagada, e o mesmo já eu verificara com a *Electra* de que adquiri então o «libretto-translation», usado no espectáculo. Nada que se compare com as versões de Esquilo do Prof. E. R. Dodds, nas suas aulas de Oxford.

Vou ver (24/3/1962) a *Electra* de Eurípides, numa sala do Village. Ambiente de teatro experimental, mas preços caros: \$4.50 cada lugar à frente. O grupo chama-se The Shakespearewrights.

Boa representação e actuação convincente de um Coro de sete raparigas, num pequeno palco. O Coro move-se constantemente, ainda quando as coristas não saiem do mesmo lugar. Evitam posições demasiado simétricas. Cantam, pelo menos, uma vez, em tom de melopeia monocórdica, mas não monótona. Acompanhamento de instrumentos de percussão (pratos e tambor) que se ouvem a sublinhar momentos importantes. Usam a tradução de Gilbert Murray.

Finalmente na segunda quinzena de Maio de 1962, quase em vésperas do regresso a Portugal, assisto a um típico «musical» americano, mas um pouco fora dos moldes habituais deste género de operetas.

(1) Cf. a nota seguinte, «Recordações de Atenas: A Língua». Já depois da publicação do artigo citado em (1) na p. 426, e antes da minha estadia em Nova Iorque, assisti em Atenas, em 23 de Setembro de 1958, à noite, no Odéon de Herodes Ático, ali mesmo na encosta da Acrópole, à representação das *Thesmophoriazusaí* (*As Mulheres que Celebram a Festa das Tesmofórias*) de Aristófanes, pela Companhia do Teatro Nacional de Atenas. Um belo e movimentado espectáculo.